



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

Volume 20, janeiro a junho de 2008

O TRABALHO COM EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL

Andréa Cristina Sousa e Silva¹

RESUMO

Ainda que esteja inserida nos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), a Educação Ambiental ainda gera inúmeros questionamentos entre estudiosos e professores da educação básica, acostumados a lidar, respectivamente, com a teoria e a prática do tema em questão. Sabendo-se que a Educação Ambiental não deve ser inserida como uma disciplina nos currículos escolares, então como trabalhá-la? Os PCN's orientam e afirmam ser a interdisciplinaridade a melhor forma de trabalhá-la verdadeiramente nas Escolas. No entanto, deparamo-nos com professores despreparados para trabalhar de forma interdisciplinar. Para minimizar os problemas, aparecem os projetos de Educação Ambiental, que têm como objetivo trabalhar temas ambientais, através do envolvimento de professores, alunos e comunidade, ensinando a cada um a assumir sua parcela de responsabilidade sócio-ambiental.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Projetos; Escolas.

ABSTRACT

Although the principles of Environmental Education are underlying the PCN's, education researchers, scholars and teachers still question theory and practice. Specialists say there is no

¹ Bióloga, Pós-graduanda em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP – Departamento de Ciências Biológicas – ICEB, Campus Universitário Morro do Cruzeiro, CEP 35.400-000, Ouro Preto/MG.

need to include environmental education as a subject taught by a biology or science teacher or any other professional in this area, as they say that teaching environmental themes through other subjects is said to be the very best way to work out environmental principles. However, teachers are not trained or prepared to work environmental contents through other contexts. So, to reduce or minimize such problems, projects – aiming at involving local communities, teachers and students - seem to be the most effective way to make people learn and also understand their roles in terms of social and environmental responsibility.

Keywords: Environmental Education; Projects; Schools.

Introdução

A evolução industrial e tecnológica dos últimos tempos levou o Meio Ambiente a um estado de depreciação nunca visto anteriormente. Antropocêntrico e ganancioso, o homem acreditou poder tirar o máximo proveito dos recursos naturais do planeta, sem sofrer as conseqüências de seus atos. Países altamente desenvolvidos e poluidores se recusavam a assinar tratados internacionais, como o Protocolo de Kyoto, e a diminuir o nível de poluentes que lançam na atmosfera diariamente, como se estivessem livres dos problemas que a crise ambiental trará ao mundo.

Hoje, diante de graves catástrofes climáticas, como furacões e tempestades que se tornam cada vez mais fortes e freqüentes, e de um clima cada vez mais instável, com estações menos definidas, o mundo parece acordar e perceber que não há mais tempo a perder. A natureza não suporta mais tantas agressões. De acordo com relatório do PNUMA (2007), a camada de ozônio vem sendo constantemente atingida pelos poluentes lançados no ar, as temperaturas parecem aumentar a cada ano, enquanto a água potável passa a faltar em um número maior de regiões, por todo o mundo. Diante disso, até países como os Estados Unidos começaram a recuar, ainda que de maneira quase imperceptível.

Assim, o mundo se pergunta: o que fazer? Diante de uma situação que parece não ter volta, as ações precisam ser urgentes e globais, levando-se em conta que se deve agir localmente a fim de se obter resultados que beneficiarão a todos, globalmente.

Um dos caminhos para minimizar os efeitos dessa crise, sem dúvida, é a Educação Ambiental. Segundo a UNESCO (2005, p. 44), “Educação ambiental é uma disciplina bem estabelecida que enfatiza a relação dos homens com o ambiente natural, as formas de conservá-lo, preservá-lo e de administrar seus recursos adequadamente”. Educação, esta, que deve ser iniciada nos primeiros anos de vida, ainda em casa, quando as crianças aprendem, com os exemplos dos pais, como deverão agir no presente e no futuro. Depois, na escola, a Educação Ambiental deve continuar fazendo parte do dia-a-dia das crianças, adolescentes e

jovens, seja inserida nas diversas disciplinas e conteúdos, interdisciplinarmente, seja no ambiente escolar, na convivência com professores, diretores e demais funcionários da escola.

Mais do que ensinar termos técnicos e definições, é dever da escola ensinar a amar o ambiente, a reconhecê-lo como um lar, respeitando-o e preservando-o. Para isso, no entanto, é necessário que os próprios professores entendam o ambiente como tal, sem distinções entre casa, rua ou escola. O ambiente, ainda que diferenciado, é único. Nosso planeta é um só e é de todos. Ninguém tem o direito de destruí-lo, visto que é um bem comum, sem o qual a vida corre perigo de não mais existir. Assim, dispõe a Constituição Brasileira, em seu artigo 225 (ANGHER, 2006): *“Todos têm o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”*.

A Educação Ambiental deve ser trabalhada na escola não por ser uma exigência do Ministério da Educação, mas porque acreditamos ser a única forma de aprendermos e ensinarmos que nós, seres humanos, não somos os únicos habitantes deste planeta, que não temos o direito de destruí-lo, pois da mesma forma que herdamos a terra de nossos pais, deveremos deixá-la para nossos filhos.

Dentre várias formas possíveis de se trabalhar a Educação Ambiental, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) afirmam ser a interdisciplinaridade essencial ao desenvolvimento de temas ligados ao Meio Ambiente, sendo necessário desfragmentar os conteúdos e reunir as informações dentro de um mesmo contexto, nas várias disciplinas. Um dos modos de se trabalhar a interdisciplinaridade são os projetos de Educação Ambiental, que podem e devem ser desenvolvidos nas escolas a fim de fomentar a criatividade e o raciocínio dos alunos, através de atividades dinâmicas e participativas, unindo teoria à prática.

Discutiremos, portanto, como a Educação Ambiental vem sendo trabalhada nas escolas, analisando as orientações dos PCN's e os obstáculos encontrados pelos professores no momento de sua aplicação. Para isso, veremos o exemplo de dois projetos de Educação Ambiental desenvolvidos em escolas públicas do município de Congonhas/MG.

1. A Importância da Educação Ambiental nas Escolas

Segundo Edna Sueli Pontalti (2005), Educadora Ambiental, *“a escola é o espaço social e o local onde o aluno dará seqüência ao seu processo de socialização”*, iniciado em casa, com seus familiares. Assim, é evidente a importância da escola no processo de formação, tanto social quanto ambiental, dos seus alunos. Comportamentos ambientalmente

corretos devem ser assimilados desde cedo pelas crianças e devem fazer parte do seu dia-a-dia quando passam a conviver no ambiente escolar.

Para isso, é importante terem o exemplo daqueles que exercem grande influência sobre eles: seus professores. É comum vermos professores que falam sobre o problema do desperdício de água nas aulas de Ciências e exibem comportamentos totalmente contrários quando saem das salas, desperdiçando água ainda na escola e até mesmo em casa, com torneiras e mangueiras que permanecem abertas enquanto a água corre pela rua, ao lavarem seus carros ou a frente de suas casas.

São comportamentos que afetam diretamente as crianças, que passam a ver os temas estudados apenas como conteúdos, sem utilidade na *vida real*, fora da escola. Como vemos, ainda hoje, o exemplo é a melhor maneira de se ensinar e um professor deve ter consciência da responsabilidade que recebe ao se expor numa sala, diante de seus alunos. É importante que as crianças aprendam que a responsabilidade é de todos, que os atos de cada um refletem sobre o futuro de toda a humanidade. Isso é importante até mesmo para diminuir o sentimento de impotência que às vezes atinge as pessoas. Diante de tantas agressões, alguns chegam a pensar se sua atitude correta terá algum resultado. Por isso, deve-se ter a certeza de que as ações locais podem levar a resultados globais, além de conquistar mais adeptos, através de exemplos.

Por causa de nossa cultura, muitos vêem a preocupação com o meio ambiente como um assunto secundário, sem importância, *coisa de quem não tem o que fazer*, como diziam no passado, ao se referirem a ambientalistas. Essa cultura deve ser mudada na escola, através da Educação Ambiental, mostrando às crianças e jovens que conservar o meio ambiente não é um luxo, mas uma necessidade urgente se quisermos continuar a viver neste planeta.

A fim de tentar fazer dos temas ambientais presença constante nas salas de aula, a Educação Ambiental foi inserida no currículo escolar, como tema transversal. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) (1998, p. 181),

A preocupação em relacionar a educação com a vida do aluno – em seu meio, sua comunidade – não é novidade. Ela vem crescendo especialmente desde a década de 60 no Brasil. (...) Porém, a partir da década de 70, com o crescimento dos movimentos ambientalistas, passou-se a adotar explicitamente a expressão 'Educação Ambiental' para qualificar iniciativas de universidades, escolas, instituições governamentais e não-governamentais por meio das quais se busca conscientizar setores da sociedade para as questões ambientais. Um importante passo foi dado com

a Constituição de 1988, quando a Educação Ambiental se tornou exigência a ser garantida pelos governos federal, estaduais e municipais (artigo 225, § 1º, VI).

No entanto, apesar de ser uma exigência legal, a Educação Ambiental deve ser trabalhada de forma prazerosa, ainda que difícil de ser desenvolvida, pois requer atitudes concretas, como mudanças de comportamento pessoal e comunitário, tendo em vista que para atingir o bem comum devem-se somar atitudes individuais.

Enfim, as dificuldades são grandes quando se quer trabalhar verdadeiramente a Educação Ambiental, mas precisam ser enfrentadas, pois, segundo Dias (1992), “sabemos que a maioria dos nossos problemas ambientais tem suas raízes em fatores sócio-econômicos, políticos e culturais, e que não podem ser previstos ou resolvidos por meios puramente tecnológicos”. Daí a grande importância da inserção da Educação Ambiental nas escolas, a fim de conscientizar nossos alunos e ajudá-los a se tornarem cidadãos ecologicamente corretos.

1.1. O que dizem os PCN's: A Importância da Interdisciplinaridade

Os PCN's foram lançados pelo MEC entre os anos de 1997 e 1999, a fim de se tornarem uma referência curricular para os professores de todo o país, que podem adaptá-los às realidades de sua região ou município.

Neles estão inseridos os chamados temas transversais, assuntos de grande importância social que devem ser trabalhados em todos os conteúdos. São temas como ética, pluralidade cultural, orientação sexual e Meio Ambiente, entre outros. É nesse contexto, portanto, que deve ser trabalhada a Educação Ambiental.

De acordo com as orientações dos PCN'S, a Educação Ambiental, assim como todos os temas transversais, deve ser trabalhada de forma interdisciplinar. A princípio, é isso que se vê nos planos de curso da maioria, senão de todos os professores de escolas públicas. No entanto, na prática, esse trabalho acaba não acontecendo.

Apesar da importância dos PCN's para a inserção da Educação Ambiental nas escolas, segundo Bizerril e Faria (2001) “... resta a dúvida sobre os limites da capacidade das escolas em compreender as propostas contidas no documento, bem como em ter motivação suficiente ou metodologia para executá-las”. Isso porque o trabalho interdisciplinar ainda é visto com muita dificuldade por parte da maioria dos professores. Um dos motivos dessa dificuldade é, sem dúvida, o medo de exposição de muitos professores que preferem continuar trancados em

suas salas de aula a expor seu trabalho diante dos outros, se abrindo e se sujeitando a possíveis críticas. Além disso, professores de disciplinas tidas como mais importantes tendem a se afastar de projetos que não tratem de seus conteúdos específicos, alegando precisar de tempo para poder cumprir seus planos de curso.

Bizerril e Faria (2001, p. 61) apresentam, ainda, o relato de uma professora do Distrito Federal que descreve muito bem esta situação:

A gente vê muita resistência. Matérias academicamente mais importantes têm sempre um espaço muito limitado para tentar ter uma discussão coletiva na escola. Sinto um certo bloqueio para me inserir no contexto escolar, com esta hierarquia. Eu acho que os professores não estão preparados para a interdisciplinaridade, estão muito fechados.

Um dos motivos para esse despreparo, de acordo com os professores, é que a universidade não os preparou para a interdisciplinaridade, erro que ainda hoje persiste nos cursos de licenciatura (Bizerril e Faria, 2001).

Diante de tantos obstáculos, qual seria a melhor forma de trabalhar a Educação Ambiental nas escolas? Segundo Vilmar Berna², a melhor opção é o trabalho desenvolvido por meio de projetos, que integram os alunos e permitem que os mesmos exercitem sua criatividade e raciocínio.

2. Como Trabalhar com Educação Ambiental: Os Projetos

Os projetos de Educação Ambiental são, segundo alguns autores, a melhor forma de se trabalhar a Educação Ambiental nas escolas. De acordo com Vilmar Berna (2007),

O trabalho com projeto propõe o dimensionamento dos valores sociais e do potencial que cada sujeito tem para persegui-los, elevando sua condição de indivíduo para a de agente comunitário. Os elementos que o aluno vai analisar e sobre os quais vai refletir não estão fragmentados como quando se recebe a informação de maneira partilhada (em disciplinas tratadas de forma estanque - Português, História, Geografia, Ciências etc.).

Assim, os projetos fazem com que os alunos se tornem co-responsáveis pelo trabalho desenvolvido e percebam que os conteúdos vistos na escola fazem parte de seu dia-a-dia, pois segundo o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (1992), “a Educação Ambiental deve envolver uma perspectiva holística, enfocando a relação entre o ser humano, a natureza e o universo de forma interdisciplinar”.

² Como trabalhar com projetos de Educação Ambiental. In: www.jornaldomeioambiente.com.br.

Esse é um aspecto muito importante para o desenvolvimento da Educação Ambiental nas escolas, já que, segundo Bizerril e Faria (2001), “a maioria [dos professores] concorda que seus alunos ainda não apresentam condições de debater as questões ambientais locais e propor e participar das soluções, conforme seriam os objetivos primordiais da educação ambiental”.

Diante desse quadro crítico, onde os alunos se acostumaram a passar horas copiando textos e respondendo questões que serão decoradas para a prova, é imprescindível o uso de propostas alternativas, a fim de desenvolver o espírito crítico e o raciocínio dos alunos.

Para isso, é preciso trabalhar com projetos bem estruturados, que integrem professores de diversos conteúdos, buscando a interdisciplinaridade e, principalmente, que despertem a curiosidade dos alunos. Assim, os projetos podem ter um tema sugerido pelos próprios alunos ou pela equipe da escola, desde que busque a integração dos conteúdos escolares com a vivência do aluno, no seu dia-a-dia, fazendo-o perceber a ligação entre o que é visto na escola e o ambiente existente a sua volta.

Krasilchik (1987), citado por Bizerril e Faria (2001), “... considera que existe uma falta de vínculo entre o que é ensinado em ciências e a realidade dos alunos”, além disso, “o modo como os temas são distribuídos ao longo das séries também dificulta a busca de relações com outros conteúdos e disciplinas”.

Daí a importância do desenvolvimento dos projetos de Educação Ambiental nas escolas, a fim de superar todos esses obstáculos impostos pelo currículo escolar e conseguir, finalmente, formar cidadãos conscientes de sua responsabilidade ambiental.

No entanto, após ou até mesmo durante a realização de um projeto, é de suma importância que o mesmo seja avaliado, buscando corrigir os erros e, até mesmo, discutir os acertos. Afinal, um projeto mal sucedido pode servir de lição para o desenvolvimento de novos projetos, que poderão ser mais bem estruturados. Tristão (2005), diz que “a grande questão é (...) a sensação de um peso insuportável em que a responsabilidade e impotência se confrontam, quando o resultado do processo educativo não se reverte em práticas cotidianas significativas”.

Diante da falta de bons resultados, é necessário avaliar os trabalhos desenvolvidos no projeto e ver o que faltou para concretizar a mudança de atitude por parte dos alunos e demais envolvidos. O projeto não pode ser mero escape para sair de sala de aula e se divertir ao ar livre. Precisa ter conteúdo teórico e prático para despertar a responsabilidade social e ambiental nos alunos.

Segundo Pires (1996), “em todas as etapas do processo é feita a avaliação do trabalho por meio de pequenas medidas Quantitativas e Qualitativas. Quantitativamente, saberemos o quanto de conhecimento foi ministrado e Qualitativamente, como cresceu o bem-estar coletivo pela postura das pessoas envolvidas no processo”.

Enfim, o trabalho com Educação Ambiental deve ser crítico e reflexivo, levando todos os envolvidos a mudar de atitude diante do processo de degradação contínua pelo qual nosso planeta vem passando, pois de acordo com Encarnação (1997),

Entendida como prática social transformadora da sociedade, a Educação Ambiental deve ter como preocupação central o patrimônio natural e formar uma consciência ambiental que cresça através da reflexão sobre a vivência e o contato com o ambiente, permitindo uma análise crítica dos problemas encontrados e, levando a um posicionamento que permita levantar causa e efeito e indicar soluções, oportunizando a conscientização de que o próprio homem é agente de transformações em todos os níveis: social, político, econômico e ambiental.

3. Projetos de Educação Ambiental em duas Escolas da Rede Municipal de Ensino de Congonhas

A fim de avaliar como a Educação Ambiental é trabalhada na prática, dentro de escolas do Ensino Fundamental, dois projetos desenvolvidos em Escolas Municipais de Congonhas foram escolhidos para serem analisados.

Com isso, foi possível observar as dificuldades enfrentadas pelos professores e demais funcionários das escolas, ao tentarem desenvolver seus projetos.

O primeiro deles, com o nome *Plantinhas Contentes, Crianças Sorridentes*, foi desenvolvido na Escola Municipal “Pe. Jacinto Pinheiro”, situada na localidade de Vila Cardoso, zona rural do Município de Congonhas. A Escola atende crianças da Educação Infantil à 4ª série do Ensino Fundamental, além de oferecer a Educação de Jovens e Adultos, contando com 100 alunos, dos quais 67 têm entre 3 e 16 anos.

O segundo, chamado de *Meio Ambiente: As grandes transformações começam com pequenas atitudes*, foi desenvolvido na Escola Municipal “Fortunata de Freitas Junqueira”, situada no bairro Basílica, na zona urbana de Congonhas. Esta Escola atende 654 adolescentes, de 5ª a 8ª séries, com idade entre 10 e 16 anos. É bastante procurada pelos moradores da cidade, atendendo alunos que moram em bairros bem distantes de sua localização.

3.1. Projeto “Plantinhas Contentes, Crianças Sorridentes”

O projeto foi desenvolvido em parceria com o Programa Germinar, Programa de Educação Ambiental da Gerda Ações, no período de maio a novembro de 2006. A responsável pelo projeto na escola foi a Pedagoga e diretora escolar, Débora³. O projeto teve como público-alvo os alunos da Educação Infantil à 4ª série do Ensino Fundamental. Segundo informações da diretora, a idéia do Projeto surgiu após uma visita realizada pelos alunos ao Centro de Educação Ambiental – Biocentro, do Programa Germinar, localizado na cidade de Ouro Branco. Após conversar com os responsáveis pelo Germinar, surgiu a idéia de desenvolver um projeto que tivesse como tema de trabalho a horta.

O objetivo, primeiramente, era buscar a melhoria da horta escolar para, então, poder melhorar a qualidade da merenda servida aos alunos. De forma mais específica, o projeto tinha como objetivos⁴:

- *Relacionar a alimentação com a necessidade que os seres vivos têm de energia para o funcionamento do organismo e materiais para construir, manter e curar o corpo;*
- *Informar sobre as partes das plantas que deram origem a diversos tipos de alimentos que utilizamos cotidianamente;*
- *Realizar de forma adequada comparações entre plantas diferentes, considerando altura, espessura do caule e forma de crescimento;*
- *Possibilitar a troca de conhecimentos sobre cultivo de plantas e construção de uma horta entre as escolas;*
- *Disseminar os conceitos e práticas aprendidos sobre horta, para a comunidade escolar;*
- *Valorizar o conhecimento prático dos profissionais responsáveis pela manutenção das hortas nas escolas.*

Para isso, foi desenvolvido um cronograma de atividades, que também contaria com visitas a uma escola do município de Ouro Branco, a fim de possibilitar o intercâmbio entre os jardineiros das duas escolas.

Assim, foi montado um plano de trabalho, que contava com as seguintes etapas⁵:

³ Nome fictício.

⁴ Objetivos específicos contidos no Projeto “Plantinhas Contentes, Crianças Sorridentes”, p. 4, disponível somente em arquivo particular da escola.

⁵ Plano contido no Projeto “Plantinhas Contentes, Crianças Sorridentes”, p. 7, disponível somente em arquivo particular da escola.

- 1) *Intercâmbio entre os jardineiros – Maio/Junho/2006*
- 2) *Elaboração do Projeto e Plano de Ação – 29/06/06*
- 3) *Palestra/oficina sobre a importância da horta - 07/08/06*
- 4) *Eleição para escolha do nome do Projeto – 01 a 04/08/06*
- 5) *Aquisição dos materiais – 07/08/06 até 28/08/06*
- 6) *Melhoria na Horta – 29, 30 e 31/08/06 (Almoço Escola/lanche Germinar)*
- 7) *Curso de enriquecimento alimentar para as cantineiras – 18 e 25/09/06 (2 turmas/1 manhã/1 tarde)*
- 8) *Oficina de Placas – 02 a 06/10/06*
- 9) *Monitoramento interdisciplinar da horta*
- 10) *Avaliação*
- 11) *Finalização do Projeto – 18/11/06 (Feirinha, teatro e música ao vivo)*

O plano contava, ainda, com a lista de materiais necessários para a realização do projeto, como sementes, mudas e ferramentas para limpeza e manutenção da horta.

Para dar início ao projeto, foi realizado o intercâmbio entre os jardineiros da E. M. “Pe. Jacinto Pinheiro” e da escola do município de Ouro Branco. Em seguida, foi realizada uma oficina na escola, a fim de discutir o tema “horta” com alunos e professores, além de escolher o título do projeto. O segundo passo foi a aquisição do material necessário ao desenvolvimento do projeto: mudas e sementes de legumes e verduras. Segundo a diretora, este foi, também, o primeiro obstáculo.

A escola esperava que as mudas fossem doadas pelo Germinar, o que não aconteceu, já que o programa não financia os projetos, oferecendo somente apoio técnico para o seu desenvolvimento. A diretora solicitou, então, aos alunos que trouxessem mudas ou sementes para o plantio da horta na escola. No entanto, como se trata de uma comunidade sem grande poder aquisitivo, os alunos traziam somente aquilo que possuíam em casa – mudas de couve, em sua grande maioria. Diante disso, a diretora decidiu comprar as mudas com recursos próprios já que, do contrário, seria impossível desenvolver o projeto.

Após o preparo da horta, realizado pelo jardineiro da escola, e a aquisição das mudas, as mesmas começaram a ser plantadas pelos alunos, sob a orientação do jardineiro e das professoras. Os alunos participavam, também, da manutenção da horta, inclusive aqueles de quatro e cinco anos, da Educação Infantil. Esse trabalho era realizado, geralmente, nos 50 minutos finais de aula, pois as professoras argumentavam que os alunos se sujavam muito na horta e, dessa forma, não poderiam continuar em sala de aula. Como a escola não possui

banheiros equipados com chuveiros, a solução encontrada foi destinar esses minutos finais para o trabalho na horta.

Foram realizados, ainda, cursos de aperfeiçoamento para as cantineiras da escola e também para mães de alunos. Nesses cursos, foi trabalhado o tema “enriquecimento alimentar”, e já foram usados legumes e verduras da horta da própria escola. Houve, ainda, uma oficina sobre placas, cujo tema era *A horta que temos e a horta que queremos*, buscando trabalhar a motivação dos alunos nos cuidados com a horta e demonstrar a sua importância para uma alimentação mais saudável.

Para encerrar o projeto, foi realizada uma confraternização entre alunos, professores e os orientadores do projeto, do Programa Germinar. Vários legumes e verduras foram colhidos na horta, servindo para melhorar a merenda dos alunos e sendo, também, utilizados no almoço de confraternização e encerramento do projeto.

No entanto, após o encerramento oficial do projeto, o mesmo não teve continuidade. Segundo a diretora, isso se deve à falta de interesse e comprometimento dos professores e à falta de apoio do Programa Germinar. Ainda, segundo informações da supervisora escolar, Suzana⁶, professores e alunos gostaram de trabalhar no projeto. No entanto, a mesma se referiu aos alunos dizendo que *eles sempre adoram quando é para sair da sala de aula*.

Apesar do envolvimento das crianças com o projeto, não foram desenvolvidas atividades que abordassem questões relacionadas à horta nos conteúdos dados em sala de aula, ou seja, não houve ligação entre a prática e a teoria por parte das professoras. Diversos temas poderiam ter sido desenvolvidos, dentro e fora da disciplina de Ciências, valorizando a interdisciplinaridade. Segundo Tristão (2005), “os desequilíbrios [ambientais] e a educação são heranças de um modelo de desenvolvimento socioeconômico que se caracterizou (...) pela divisão do conhecimento em disciplinas que fragmentam a realidade”. Ou seja, as informações passadas de forma isolada fragmentam o saber e afastam os alunos da relação entre teoria e prática. O que é visto em sala de aula parece só servir para a própria escola, em dias de prova.

Enquanto isso, a interdisciplinaridade permite ao aluno perceber que aquele conteúdo realmente faz parte de seu dia-a-dia, pois se encontra relacionado a diversos assuntos. É importante e mais fácil reter conhecimento desta forma, estabelecendo ligações entre diversos fatos, ao invés de receber informações isoladas, que parecem ficar “engavetadas” em nosso cérebro, sem fazer nenhuma ligação com outros contextos, que não o escolar.

⁶ Nome fictício.

Foi possível observar, ainda, segundo os relatos da diretora e da supervisora, que havia certa resistência das professoras para a liberação dos alunos, que só podiam trabalhar com a horta durante o último horário, por causa da sujeira com a terra. As professoras diziam gostar do projeto, mas alegavam que ele exigia muito tempo para ser trabalhado. Aqui, podemos notar um dos motivos pelo qual não houve continuidade do projeto: a falta de estímulo que partia das professoras. Ao invés de ver a sujeira como um problema, elas deveriam tê-la visto como uma oportunidade de trabalhar temas como higiene pessoal, corpo humano, saúde, etc. Segundo os PCN's (1998), *só quando se inclui também a sensibilidade, a emoção, sentimentos e energias se obtêm mudanças significativas de comportamento*. Assim, fica claro que sem entusiasmo por parte das próprias professoras, a continuidade do projeto se torna inviável.

Nota-se, também, que a atuação dos orientadores do Programa Germinar, apesar de bem intencionada, não foi suficiente. Segundo a supervisora, foram feitas cerca de seis visitas à escola, no decorrer dos seis meses de desenvolvimento do projeto, e o apoio material que a escola esperava receber do Germinar, como a doação das mudas para a horta, não aconteceu.

3.2. Projeto “Meio Ambiente: As grandes transformações começam com pequenas atitudes”

O projeto foi desenvolvido durante o ano letivo de 2004. Abordou vários temas, como: alimentação, saúde bucal, análise da água, reciclagem, educação patrimonial, entre outros. Os temas foram desenvolvidos através de atividades práticas e teóricas, como:

- Caminhada ecológica com visita a cachoeira da cidade e a nascentes;
- Aulas expositivas dando ênfase ao tema específico;
- Observação e análise da água da escola;
- Palestra oferecida aos alunos por um dentista;
- Criação de murais e painéis na escola;
- Plantio de hortaliças e replantio de árvores na escola.

A principal responsável pelo projeto na escola foi a professora de Ciências, Helena⁷. O projeto teve como público-alvo alunos de 5ª a 8ª séries e a comunidade escolar. Seus principais objetivos foram:

Despertar nos alunos o poder que cada um influi sobre os acontecimentos no nosso meio. Ressaltar a ação humana perante a natureza. Conscientizar pela qualidade de vida, e

⁷ Nome fictício.

*que o homem é parte integrante da natureza. Destacar a importância de integrar-se, de participar, de repensar nossas ações, perante nosso meio ambiental e social, para que possamos viver num planeta mais digno, mais puro e mais saudável.*⁸

Como foi possível observar, o projeto, na verdade, se subdividia em vários subprojetos, todos desenvolvidos no decorrer do ano letivo. Apesar de ter caráter interdisciplinar, os temas acabaram sendo tratados de forma isolada, fragmentada, pelo professor, dentro de sua disciplina, já que nem todos os professores participaram, em conjunto, de todas as atividades. A caminhada ecológica, por exemplo, só foi acompanhada pelos professores de Ciências da escola. Na disciplina de Artes, os alunos produziram cartazes e montaram músicas e danças sobre os temas. Em História, trabalharam a educação patrimonial, com o tema *Patrimônio também é meio ambiente*.

Assim, apesar da intenção de se realizar um projeto interdisciplinar, o que acabou acontecendo foi o desenvolvimento de um projeto fragmentado, com bons temas, mas que poderiam ter sido mais bem explorados se trabalhados em conjunto.

Na verdade, os professores ainda parecem ter dificuldades para trabalhar em grupo, interdisciplinarmente, e este projeto foi um exemplo. A própria liberação para estudo (do projeto) já foi bastante dificultada pela professora responsável. A mesma alegava que o projeto não era somente seu e, assim, precisaria de autorização da diretora para permitir que fosse analisado. A diretora, por sua vez, disse que o projeto também não era seu, já que nem mesmo estava na escola na época em que ele foi desenvolvido. Depois de várias tentativas, a diretora finalmente decidiu liberar a cópia do projeto, para análise neste trabalho.

Com isso, percebe-se certo medo de exposição, de possíveis críticas ao trabalho desenvolvido. Isso também pode ser percebido na própria forma de avaliar o projeto. Não houve uma avaliação formal, onde se discutisse o que deu certo e o que deveria ser melhorado. Na parte de elaboração do projeto, diz-se que a avaliação seria feita ao longo do processo de desenvolvimento do mesmo, mas nenhum registro foi adicionado. O projeto também não teve continuidade no ano seguinte.

Segundo Bizerril e Faria (2001), “de fato, os projetos parecem surgir e desaparecer na escola, de um momento para o outro, com um caráter inacabado e atendendo apenas a pequena parcela dos alunos”.

Realmente, novos projetos foram e estão sendo desenvolvidos na escola, pela mesma professora, mas tratam de assuntos diferentes a cada ano. Um dos motivos, segundo a

⁸ Objetivos específicos contidos no Projeto Meio Ambiente: “As grandes Transformações começam com pequenas atitudes”, disponível somente em arquivo particular da escola.

professora, é o desenvolvimento de projetos oferecidos pelo Estado, como o projeto Semeando, e outros oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação, como PEAS-Vale (Projeto de Educação Afetivo-sexual, em parceria com a Companhia Vale do Rio Doce) que acabam exigindo bastante tempo dos professores e alunos.

No entanto, apesar da falta de tempo ser um grande problema, vemos que o maior deles é o despreparo para trabalhar interdisciplinarmente. Segundo Bizerril e Faria (2001), “a formação tradicional do docente e a compartimentalização do ensino estão entre os fatores que mais dificultam a execução de uma proposta integrada, tanto do ponto de vista dos professores como da aceitação por parte dos alunos”. Os autores ainda dizem que “há uma grande diferença entre a demonstração de interesse por parte do professor em participar de um projeto e do seu comportamento e participação efetiva neste mesmo projeto”.

Ainda segundo Mininni, citada por Bizerril e Faria (2001),

Apesar da aparente introdução de mudanças, a escola concretamente continua com sua prática pedagógica no marco da pedagogia tradicional. Isto talvez se deva ao modo como as mudanças foram introduzidas, desconhecendo a realidade do sistema e ignorando os verdadeiros sujeitos do processo – educadores e educandos.

Assim, projetos que poderiam somar muito na aprendizagem dos alunos, acabam se tornando apenas boas chances de retirá-los da sala de aula, para trabalhar em atividades diferentes, mas sem grande ganho do ponto de vista formativo.

CONCLUSÃO

Observamos, neste estudo, que apesar de o trabalho com Educação Ambiental já ser discutido e investigado há décadas, ainda há muito que se fazer para que teoria e prática se unam efetivamente nas escolas. Enquanto a maioria dos professores se acha despreparada para trabalhar de forma interdisciplinar com a Educação Ambiental, nos deparamos com o desinteresse de grande parte dos alunos, não só diante dos temas ambientais, mas relacionado a qualquer assunto dentro da escola. Percebemos, aqui, que os problemas encontrados para desenvolver trabalhos de Educação Ambiental não estão isolados do restante do currículo escolar, mas dividem espaço com o mesmo.

Professores mal preparados, desmotivados e com excesso de trabalho não encontram tempo para buscar novas formas de ensinar. Aqueles que ainda conseguem fazê-lo tropeçam na falta de recursos pedagógicos e financeiros das escolas.

Apesar de tantos obstáculos, percebemos que o desenvolvimento de projetos de Educação Ambiental nas escolas é uma das melhores formas de se trabalhar com o tema. Os projetos devem ser desenvolvidos de modo a envolver professores e alunos com toda a comunidade, pois quando são criados laços afetivos entre escola e comunidade, os problemas ambientais que antes não eram responsabilidade de ninguém, passam a ser de todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGHER, Anne Joyce (org.). Constituição Federal. In: *Vade Mecum Acadêmico de Direito*. 3 ed. São Paulo: Rideel, 2006. 1600 p.

BERNA, Vilmar Sidnei Demamam. *Como trabalhar com projetos em educação ambiental*. jan. 2007. In: www.jornaldomeioambiente.com.br (acessado em 19/04/2007).

BIZERRIL, Marcelo X. A. e FARIA, Dóris S. *Percepção de professores sobre a educação ambiental no ensino fundamental*. In: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v. 82, n. 200/201/202, p. 57-69, jan./dez. 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p.

BRASIL. Programa Nacional das Nações Unidas para o Meio Ambiente. *PNUMA advierte riesgos de deshielo por calentamiento global*, jun. 2007. In: <http://www.un.org/spanish/News/fullstorynews.asp?newsID=9611&criteria1=ambiente&criteria2=clima>, (acessado em 05/06/2007).

DIAS, Genebaldo Freire. *Educação Ambiental: princípios e práticas*. São Paulo: Gaia, 1992. 399 p.

ENCARNAÇÃO, Fátima Luvielmo e NOVO, Magda Suzana. *O caráter interdisciplinar na Educação Ambiental e as garantias constitucionais*. In: Momento – Revista do Departamento de Educação e Ciências do Comportamento, Rio Grande, v. 10, p. 143-148, 1997.

PIRES, Maria Ribeiro. *Educação Ambiental na Escola*. Belo Horizonte: Soluções Criativas em Comunicação, 1996. 93 p.

PONTALTI, Edna Sueli. *Projeto de Educação Ambiental: Parque Cinturão Verde de Cianorte*. abr. 2005. In: <http://www.apromac.org.br/ea005.htm> (acessado em 20/03/2007).

UNESCO. *Década das Nações Unidas da Educação para um Desenvolvimento Sustentável, 2005-2014: documento final do esquema internacional de implementação*. – Brasília: UNESCO, 2005. 120p.

Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (Fórum Global da ECO 92).

TRISTÃO, Martha. *Tecendo os fios da educação ambiental: o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido*. In: *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 31, n. 2, p. 251-264, maio/ago. 2005.